

ESPAÇO DO ASSOCIADO

Refletindo sobre *Catedrais do Silêncio*

Adelaide Ramos e Côrte¹

LIMA, Justino Alves. **Catedrais do silêncio**: narrativas em Biblioteconomia. Aracaju: Criação, 2023. 142 p

Justino Alves Lima, nos presenteia, neste ano de 2023, com “Catedrais do Silêncio: narrativas em Biblioteconomia”, pela Editora Criação, com sede em Aracaju. Consegue dar o seu recado em 142 páginas de um texto de fácil compreensão, com relatos instigantes. Um texto de agradável leitura.

A narrativa se apresenta de uma maneira bastante ordenada, pela disposição do conteúdo em capítulos e nestes, a organização dos parágrafos. A apresentação dos fatos segue uma lógica onde posicionamentos são apresentados e defendidos, até aceitos, porém esquecidos e, em seguida, deixados de lado. É esse cenário que encontraremos em Catedrais do Silêncio.

Justino, com base na sua experiência profissional, nos mostra as lutas, os desafios, os dissabores, as decepções e as vitórias de uma classe de profissionais bibliotecários e da instituição biblioteca, em Sergipe, onde os fatos acontecem, sendo narrados sem maquiar a realidade, mesmo sendo, por vezes tristes e desesperançosos e por vezes vitoriosos.

¹ Bibliotecária, Brasília (DF). adelaide@cor.te.com.br

A narração é direta, sem rodeios e sem explicações secundárias, o que faz com que o leitor mantenha o foco no que está sendo relatado. Quem conhece o autor, sente que ele fala olhando nos seus olhos, contando uma história, com riqueza de detalhes e com muita paixão.

A falta de identificação dos atores é uma novidade. Cada fato é narrado, sem sua autoria. Isso deixa o leitor impossibilitado de tecer análises favoráveis ou contrárias a quem quer que seja, privilegiando o indivíduo mais que o fato em si. Não é possível acusar ninguém pelo bem ou pelo mal. Fica a impressão de que o mais importante, o que mais repercute é o fato, e não quem o praticou.

Seguindo a lógica da ausência acima descrita, as datas mencionadas dizem respeito somente aos anos em que ocorreram e nunca a meses e dias.

Tanto a não identificação dos atores e das datas em que os fatos aconteceram deixaremos a cargo do processo histórico identificá-los. Ou não.

Mas vamos ao conteúdo dessa peça literária. *Catedrais do silêncio* nos instigam a pensar quais são as catedrais e onde está o silêncio: nas catedrais, nos espaços, ou nas pessoas?

Quando falamos em catedral, nossa mente nos leva a lindos e formosos edifícios, cheios de história e, na maioria das vezes, igrejas, que abraçam seu visitante de maneira respeitosa, mas exigindo um silêncio mortal. Nunca pensamos como sendo um lar com vida, movimentado, risonho, choroso, afetuoso, briguento até.

Ao percorrer as páginas dessa peça literária, encontramos a associação de “catedrais” às bibliotecas. Mas se pensarmos nas bibliotecas como catedrais cheias de livros, essas nunca deveriam ser identificadas como catedrais do silêncio, porque “os livros são corpos habitados por palavras”, segundo Vallejo².

Ou não?

² Vallejo, Irene. **O Infinito em um junco**: a invenção dos livros no mundo antigo tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022. P. 83

Vamos caminhando na leitura para perceber o pensamento do autor.

A narrativa inicia apresentando um cenário sobre o movimento associativo bibliotecário no Estado de Sergipe, contemplando a organização, de forma bastante intempestiva, da Associação Profissional dos Bibliotecários de Sergipe – APROBISE.

Se por um lado a criação, mesmo intempestiva, apresentava um cenário favorável à ações de valorização do exercício profissional e da instituição biblioteca, a apatia e a inércia da diretoria eleita, não conseguiu nem o envolvimento dos maiores interessados, o bibliotecário, nem teve fôlego e criatividade para colocar em prática ações que provocassem, positivamente, esse envolvimento. Observamos então, a atuação silenciosa da APROBISE.

A passividade dos profissionais frente às questões que envolvem as bibliotecas, aliada à falta de compromisso e inércia do poder público com essas instituições, conforme relatadas, são assustadoras.

Mesmo considerando ser um privilégio e até certo ponto, uma garantia de respeito e “*status*” perante a sociedade e os demais profissionais, fazer parte de uma diretoria ou mesmo ser membro de uma associação, que objetiva fazer conhecida, na sociedade, determinada categoria profissional, pela prestação de serviços que essa categoria presta a essa sociedade, a referida Associação, em Sergipe, não contou com o apoio efetivo dos profissionais que a integravam e, portanto, permaneceu, também, no silêncio.

Quando um determinado presidente resolveu fazer barulho e sair da zona de conforto, a categoria cresceu e a associação angariou respeito na sociedade e principalmente na classe política. A Associação se fez conhecida regional e nacionalmente. Mas é preciso observar também, que esse presidente “barulhento” quando deixou sua função, a associação voltou ao silêncio, até chegar à sua extinção total. Ao sepulcro. O histórico do movimento associativo bibliotecário, em Sergipe, descrito de forma tão singular e real, contribui com a análise em nível nacional e servirá como reflexão aos profissionais dos demais estados brasileiros, onde o cenário seja similar.

Sergipe é um estado com muita tradição cultural. Em 2 de julho de 1851 é inaugurada sua primeira biblioteca pública. Esse fato coloca o estado em uma posição privilegiada de compromisso social com a leitura. Pela inexistência de bibliotecas escolares, essa biblioteca desempenhou por muito tempo esse papel, principalmente em proporcionar acesso, aos estudantes, dos clássicos da literatura, nacionais e estrangeiros.

O autor, de maneira simples, direta e com riqueza de detalhes, nos apresenta um histórico da atuação das bibliotecas do Estado de Sergipe, passando pela biblioteca infantil, escolar, pública universitária e especializada. Relata os desafios, as lutas, erros, mas também os acertos e vitórias dessas instituições.

Observa-se a competência da Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, onde se concentra a maioria dos bibliotecários do Estado e com isso, a participação efetiva e positiva dessa unidade, na vida acadêmica.

As bibliotecas especializadas constituíam um nicho de sucesso no Estado, certamente pela existência do profissional, pela ordenação no desenvolvimento de acervos e oferta de produtos e serviços aos usuários.

As bibliotecas infantis e públicas mereceram o silêncio do poder público. A prática das doações recebidas para compor o acervo bibliográfico, base dos serviços a serem prestados por essas instituições do saber, não garantiam um desenvolvimento ordenado do acervo, não consideravam as necessidades dos usuários, porém eram os recursos disponíveis pelos poucos profissionais, na tentativa de realização de seus trabalhos.

Sem querer lutar pela reserva de mercado, mas pelo cumprimento das leis, e no sentido de valorizar o exercício da profissão do bibliotecário, o autor associa a ineficiência das bibliotecas, ao descumprimento das leis brasileiras pelo poder público, ao permitir que profissionais não bibliotecários assumissem a direção dessas bibliotecas, com o agravante do silêncio dos profissionais contra essa prática.

No caso das bibliotecas escolares, o cumprimento da Lei que disciplina a existência de biblioteca em todas as escolas é igualmente desconsiderado. As escolas

continuam sem bibliotecas estruturadas, capazes de atuar como suporte imprescindível ao processo ensino-aprendizagem, e, também, sem o profissional bibliotecário. Os prejuízos dessa prática serão observados no futuro próximo quando for, igualmente, observado o grau de analfabetismo desses alunos.

Felizmente, há sempre um profissional preocupado com a oferta de produtos e serviços à sociedade e, nesse caso, para calar a boca do poder público que alegava a inexistência de profissionais bibliotecários no Estado para cumprir a Lei das bibliotecas escolares, um bibliotecário da Biblioteca Central juntamente com o Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Sergipe se uniram e elaboraram o projeto político pedagógico do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação, que se encontra em pleno funcionamento.

Surge, assim, uma luz no fim do túnel para que o movimento associativo e o poder público deixassem a apatia reinante sobre as bibliotecas e voltassem ao barulho salutar. Infelizmente, o barulho não veio como era esperado, mas também não impediu a implantação do curso.

Seria muita petulância da minha parte, avaliar, com detalhes, essa obra que considero muito importante tanto para o movimento associativo bibliotecário brasileiro, para o funcionamento das instituições bibliotecas e para a formação desse profissional, na integração academia/mercado de trabalho. Não somente pela parte social do movimento associativo, mas, principalmente, como espaço para o fortalecimento da profissão a partir do momento em que experiências únicas são trocadas e divulgadas, e a biblioteca consiga prestar serviços relevantes à sociedade.

Pessoas constroem, pessoas com vocação, com compromisso social, fazem a história e enchem as catedrais de barulho, de ações, de alegria e de contentamento.

Bibliotecas não passam à margem da história. Elas fizeram e continuam fazendo a história, história essa que será significativa ou não, dependendo das pessoas que a estão construindo.

Sobre o autor:

Justino Alves Lima, possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. É bibliotecário documentalista da Universidade Federal de Sergipe. Atua nos seguintes temas: informação pública, biblioteca digital, normalização de documentos, metodologia da pesquisa, cultura e cinema. Sua produção bibliográfica ultrapassa uma centena de artigos publicados em revistas e jornais. Inúmeros trabalhos apresentados em congresso, palestras proferidas, orientações de trabalhos de graduação e cursos de especialização, professor de vários cursos de educação continuada, enfim, o autor possui experiência que o habilita e dá credibilidade a narrar sobre **Catedrais do Silêncio**: narrativas em Biblioteconomia.